



# CARACTERIZAÇÃO DA CONDUTA AUTOLESIVA EM ADOLESCENTES: um estudo descritivo

DOI: 10.22289/2446-922X.V9N2A20

Antonio Augusto **Pinto Junior**<sup>1</sup>  
Claudia **Henschel de Lima**  
Thalles Cavalcanti dos Santos Mendonça **Sampaio**  
Hiago Teixeira **Damaciano**  
Ian Paschoal da Silva **Teixeira**  
Vitória Lopes da Silva de **Oliveira**

## RESUMO

O artigo resulta da pesquisa acerca da autolesão na passagem da infância para a adolescência. Seu objetivo é apresentar e discutir as características da conduta autolesiva em adolescentes no município de Volta Redonda/RJ. Foi realizado um estudo transversal com 61 pré-adolescentes e adolescentes atendidos pelo Centro de Referência Especializada de Assistência Social, de ambos os sexos, na faixa etária entre 10 e com 16 anos, com prática de autolesão, buscando levantar dados sobre a caracterização desse comportamento, perfil sociodemográfico e encaminhamentos realizados. A análise dos dados foi conduzida por meio da categorização das entrevistas e da análise descritiva de levantamento de frequência simples e relativa, e de desvio padrão. Os resultados demonstraram que a maioria dos participantes é do sexo feminino (80.3%), entre 13 e 14 anos (50.9%), que utilizaram predominantemente objetos cortantes (88.5%), atingindo principalmente braços, mãos ou pulsos (94.1%). Destacam-se os conflitos familiares (83,6%) como motivação e a maioria (50.8%) não foi encaminhada para tratamento. Com esses resultados, conclui-se que o conhecimento sobre a caracterização da conduta autolesiva em adolescentes é fundamental para o delineamento de políticas públicas de prevenção e de assistência psicossocial do adolescente.

355

**Palavras-chave:** Autolesão; Comportamento do Adolescente; Comportamento Autolesivo; Assistência Social.

## CHARACTERIZATION OF SELF- INJURIOUS BEHAVIOR IN ADOLESCENTS: a descriptive study

### ABSTRACT

The paper is the result of research on self-injury in the transition from childhood to adolescence. The objective is to present and discuss the research results of a survey on the characteristics of self-injurious behavior among adolescents in the city of Volta Redonda/RJ. A Cross-sectional study with 61 pre-adolescents and adolescents assisted by the Specialized Reference Center for Social Assistance of both sexes, aged between 10 and 16 years old, with self-harm practice, seeking to collect data on the characterization of this behavior, sociodemographic profile and referrals made. Data analysis was conducted through the categorization of interviews, descriptive analysis of simple

<sup>1</sup> Endereço eletrônico de contato: antonioaugusto@id.uff.br

Recebido em 02/08/2023. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 21/09/2023.



and relative frequency survey, and standard deviation. As a result, most participants are female (80.3%), between 13 and 14 years old (50.9%), who predominantly used sharp objects (88.5%), mainly affecting arms, hands, or wrists (94.1%). Family conflicts stand out (83.6%) as a motivation and the majority (50.8%) were not referred for treatment. With these results, the study had concluded that knowledge about the characterization of self-injurious behavior in adolescents is fundamental for the design of public policies for prevention and psychosocial assistance for adolescents.

**Keywords:** Self-Injury; Adolescent Behavior; Self-Injurious Behavior; Social Assistance.

## CARACTERIZACIÓN DE LA CONDUCTA AUTOLESIVA EN ADOLESCENTES: un estudio descriptivo

### RESUMEN

El artículo es el resultado de una investigación sobre las autolesiones en la transición de la niñez a la adolescencia. Tiene como objetivo presentar y discutir los resultados de la investigación sobre las características del comportamiento autolesivo en adolescentes del municipio de Volta Redonda/RJ. Se realizó un estudio transversal con 61 preadolescentes y adolescentes atendidos por el Centro de Referencia Especializado en Asistencia Social, de ambos sexos, con edades entre 10 y 16 años, con practica de autolesion, buscando recolectar datos sobre la caracterización de esta conducta, perfil sociodemográfico y referencias realizadas. El análisis de los datos se realizó a través de la categorización de las entrevistas y el análisis descriptivo de la encuesta de frecuencia relativa y simple, y desviación estándar. Como resultado, la mayoría de los participantes son del sexo femenino (80,3%), entre 13 y 14 años (50,9%), quienes predominantemente utilizaron objetos cortantes (88,5%), golpeando principalmente brazos, manos o muñecas (94,1%). Se destacan los conflictos familiares (83,6%) como motivación y la mayoría (50,8%) no fueron derivados para tratamiento. Con estos resultados se concluye que el conocimiento sobre la caracterización de las conductas autolesivas en los adolescentes es fundamental para el diseño de políticas públicas de prevención y atención psicosocial a los adolescentes.

356

**Palabras clave:** Autolesiones; Conducta Adolescente; Conducta Autolesiva; Asistencia Social.

### 1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, a autolesão tem sido praticada por uma parcela significativa de adolescentes, sendo considerado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) um problema de saúde pública (Cronemberger & Silva, 2023; Gámez Guadi et al., 2022; Stanford et al., 2018). Esse fenômeno tem sido cada vez mais identificado em populações clínicas e não clínicas, e ocorrendo cada vez mais cedo.

Denominado de Non Suicidal Self-Injury (NSSI) ou de Deliberate Self-Harm (DSH) na literatura científica, esse tipo de comportamento é concebido como uma síndrome repetitiva que satisfaz todas as características de um transtorno de impulso, incluindo desejo de desempenhar um ato prejudicial, incapacidade em resistir a um impulso de prejudicar a si mesmo sem intenção suicida consciente, aumento crescente de sensação de tensão anterior ao ato e, no momento do ato



vivência de prazer, liberação ou gratificação (Gámez Guadi et al., 2022; Chaves et al., 2019; Favazza & Rosenthal, 1993).

Deve-se destacar que a autolesão é um comportamento que não pode ser compreendido sem considerar os componentes biológicos, sociais e psicológicos. Especificamente no que se refere aos aspectos psicológicos e emocionais, essa conduta funciona como uma estratégia de regulação da emoção não adaptativa, pois o sujeito pode buscá-la como artifício para diminuir a tensão e aliviar as emoções mais opressivas de seu psiquismo. Em outras palavras, quando a dor psíquica é demasiadamente incontrollável o adolescente pode lesionar seu corpo como um mecanismo de regulação, reduzindo seus problemas emocionais através do controle da dor física, que diferente da dor psíquica, é palpável e passível de ser administrada (Pinto Junior et al., 2020; Tardivo et al., 2019).

Em termos epidemiológicos, investigações mostram que os índices são de 10% de chance de um adolescente lançar mão do comportamento autodestrutivo ao menos uma vez ao longo da vida em amostras comunitárias, sendo esse número elevado exponencialmente na população clínica, chegando a 82% de probabilidade desse tipo de ocorrência. Nesse contexto, Cipriano, Cella e Cotrufo (2017), por meio de uma revisão sistemática, constataram a prevalência entre 7,5 e 46,5% para o comportamento ao longo da vida. No Brasil, destaca-se o estudo de Simioni et al. (2017) cujos dados versam sobre uma amostra comunitária envolvida em comportamento autolesivo em 1% para o público adolescente, especialmente com quadro de depressão.

357

Pesquisas destacam o predomínio dessa prática em sujeitos do sexo feminino. Embora seja encontrada em ambos os sexos, a literatura destaca que as meninas têm maior probabilidade para se autoagredir, diferindo apenas nos métodos utilizados, que são menos danosos ou graves que aqueles empregados pelos meninos (Cronemberger et al., 2019; Lu & Fran, 2020; Arruda et al., 2021).

No que tange ao início da autolesão, investigações mostram que os/as adolescentes começam a fazê-la entre os 11 e 12 anos. De forma geral, as pesquisas, tanto nacionais quanto internacionais, indicam a primeira ocorrência entre os 11 e 15 anos, mas que pode perdurar por vários meses ou anos (Chaves et al., 2019; Syed et al., 2020; Ribeiro et al., 2022).

Há uma variedade de objetos empregados na prática da autolesão por adolescentes. Os citados com mais frequência são navalhas, giletes, facas, estiletes, vidros, cachecol, canetas, pedras, grampos, dentes e até mesmo as mãos e unhas. É comum que as lesões incidam não somente em uma parte do corpo, mas em várias. Contudo, algumas são atingidas com mais regularidade que outras, principalmente os braços, as pernas, a barriga, o peito e outras áreas na parte frontal do corpo, em razão da facilidade de alcançá-las (Arruda et al., 2021; Tardivo et al., 2019).

As Experiências de Adversidade Precoce (EAP) tanto em amostras clínicas quanto comunitárias são vistas pela literatura como fatores desencadeantes ou etiológicos para a prática



da autolesão em adolescentes. Tratam de circunstâncias de vidas desestruturantes e prejudiciais ao bem-estar emocional, psicossocial e biológico do sujeito, que podem facilitar o uso de comportamentos disruptivos para o seu enfrentamento. Dentre essas experiências, a literatura destaca a relação da autolesão com abuso físico, sexual e/ou emocional, negligência, violência física ou psicológica, bullying e exposição à violência comunitária, bem como índices significativos de autocrítica, autoculpabilização, pessimismo, dissociação, sintomatologia depressiva, transtorno de estresse pós-traumático, com prejuízos no suporte social e na capacidade de regulação emocional (Tardivo et al., 2019, Resett & Gonzalez Caino, 2020; Chaves et al., 2019).

Também quadros psicopatológicos são frequentemente relacionados ao comportamento autolesivo. Há predomínio de engajamento nesse tipo de conduta por sujeitos com transtornos pertencentes à classificação multiaxial do eixo I do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), como o Transtorno de adaptação, opositor desafiante, de ansiedade, depressão maior e de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e, em menor volume, nos do eixo II, como Transtorno borderline e histriônico de personalidade (Tardivo et al., 2019; Chaves et al., 2019; Resett & Gonzalez Caino, 2020; Amaral et. al., 2021).

Face à incidência, gravidade e comorbidades associadas a esse tipo de conduta em adolescentes, torna-se fundamental conhecer suas peculiaridades, incluindo as características dos atos, os fatores desencadeantes, bem como os aspectos psicossociais envolvidos. Pesquisas que visem traçar o perfil epidemiológico e as condições de funcionamento psíquico na autolesão são importantes para o desenvolvimento de estratégias de prevenção, identificação precoce, tratamento e combate eficazes para impedir sua (re)produção e para amenizar o sofrimento dessa parcela da população. Dessa forma, o objetivo do presente artigo é apresentar as características da conduta autolesiva em adolescentes, decorrente do desenvolvimento do projeto de pesquisa “Estudo sobre a estruturação do ego e da personalidade de adolescentes que se automutilam”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro durante os anos de 2019 a 2022.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo e de corte transversal, conduzido entre os anos de 2019 e 2022, que buscou mapear as características psicossociais da conduta autolesiva em adolescentes no município de Volta Redonda/RJ. A amostra por conveniência foi composta de 61 participantes, de ambos os sexos, atendidos pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e matriculados nas escolas municipais de Volta Redonda/RJ, todos com prática comprovada de autolesão.

O CREAS é uma unidade pública da política de Assistência Social, responsável pelo atendimento psicossocial e multidisciplinar de famílias e indivíduos em situação de risco social e/ou violação de direitos, como: violência física, psicológica, negligência, violência sexual, violência auto



infligida (autolesão), situação de rua, abandono, trabalho infantil, e discriminação por orientação sexual e/ou raça/etnia. Além disso, esse equipamento de assistência social realiza o cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto de Liberdade Assistida e de Prestação de Serviços à Comunidade por adolescentes em conflito com a lei (Luzia & Liporoni, 2023).

Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semidirigidas com os participantes e seus responsáveis, realizadas após as autorizações dos envolvidos, garantido o anonimato e o sigilo dos participantes, bem como a confidencialidade dos dados coletados, respeitando as recomendações do Conselho Nacional de Saúde, conforme Resolução nº 466/2012. O projeto foi submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Antônio Pedro/Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, e sendo aprovado com o parecer no 3.138.586.

Nas entrevistas individuais, gravadas em áudio, foram explicados os objetivos da pesquisa e assinados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLEs) pelos responsáveis e os Termos de Assentimento (TAs) pelos adolescentes. Posteriormente, foi conduzida uma investigação sobre a caracterização da prática da autolesão. As questões abordaram: o início do comportamento autolesivo; duração da prática; método utilizado para realizar os ferimentos; os possíveis motivos para o desencadeamento desse comportamento; busca por ajuda; tratamento ou alternativas para lidar com o sofrimento.

359

Após a transcrição das entrevistas, as informações colhidas foram transferidas para uma planilha do Microsoft Excel para formatação de um banco de dados. A análise foi realizada utilizando o programa Statistical Package for the Social Sciences versão 26.0 (SPSS), com análise descritiva dos dados de levantamento de frequência simples e relativa para características atributo (sexo, escolaridade, idade, método utilizado de autolesão, motivos, identificação, encaminhamento e tratamento). Para as medidas do tipo contínua (tempo da prática autolesiva) procedeu-se as medidas resumo média, desvio padrão e demais medidas resumo.

### 3 RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta a distribuição das características dos adolescentes, da prática de autolesão, fatores desencadeantes, e as medidas adotadas por meio da análise descritiva de levantamento de frequência simples e relativa. Já a **Erro! Fonte de referência não encontrada.** mostra os resultados para o tempo (duração) da prática autolesiva (em meses), com as medidas resumo média, desvio padrão e demais medidas resumo.



**Tabela 1.** Caracterização da amostra, do comportamento autolesivo e intervenção.

Característica	Grupo	N	%
Idade	13	17	27,9%
	14	14	23,0%
	11	12	19,7%
	12	9	14,8%
	15	7	11,5%
	16	1	1,6%
	10	1	1,6%
Sexo	Feminino	49	80,3%
	Masculino	12	19,7%
Escolaridade	8	24	39,3%
	6	17	27,9%
	7	11	18,0%
	9	5	8,2%
	0	2	3,3%
	10	1	1,6%
	5	1	1,6%
Conjugalidade	Família monoparental	20	33,3%
	Pais casados	17	28,3%
	Família Reconstruída	16	26,7%
	Família Extensa	7	11,7%
Conflito em família	Violência Conjugal	27	44,3%
	Doenças Mentais na família	21	34,4%
	Violência contra crianças	20	32,8%
	Outras Drogas	10	16,4%
	Não mencionado	10	16,4%
	Alcoolismo	7	11,5%
	Luto	2	3,3%
	Conflito com a madrasta	1	1,6%
	Conflito com pai/irmãos	1	1,6%
	Bullying	1	1,6%
Tipo de instrumento utilizado	Ferimento com objeto cortante	54	88,5%
	Mordidas ou Beliscões	5	8,2%
	Arranhar-se	5	8,2%
	Bater a cabeça	2	3,2%



	Queimar a pele	1	1,6%
	Ingestão de remédios	1	1,6%
Objeto	Gilete	24	39,3%
	Apontador	22	36,1%
	Faca	3	4,9%
	Dentes	3	4,9%
	Canivete	2	3,3%
	Estilete	2	3,3%
	Agulha	2	3,3%
	Prestobarba	2	3,3%
	Navalha	2	3,3%
	Brinco	1	1,6%
	Alicate	1	1,6%
	Caneta	1	1,6%
	Lápis	1	1,6%
	Lapiseira	1	1,6%
	Fogo	1	1,6%
	Compasso	1	1,6%
	Remédios	1	1,6%
	Tesoura	1	1,6%
	Unha	1	1,6%
	Vidro	1	1,6%
Parte do corpo	Braços, mãos ou pulsos	48	94,1%
	Pernas ou pés	7	13,7%
	Abdômen	2	3,9%
	Cabeça	2	3,9%
	Boca	1	2,0%
	Sobrancelha	1	2,0%
Motivos	Conflitos familiares	51	83,6%
	Bullying	18	29,5%
	Estímulo de amigo	17	27,9%





	Violência Física intrafamiliar	13	21,3%
	Personalidade introversiva	13	21,3%
	Negligência familiar	12	19,7%
	Violência Sexual intrafamiliar	6	9,8%
	Acesso à Internet	5	8,2%
	Uso ou abuso de álcool e outras drogas	4	6,6%
	Luto	3	4,9%
	Violência Psicológica familiar	3	4,9%
	Violência Sexual Extrafamiliar	2	3,3%
	Chamar atenção	2	3,3%
	Tentativa de suicídio	1	2,0%
	Violência Física Extrafamiliar	1	1,6%
	Depressão	1	1,6%
	Doença mental	1	1,6%
	Alvo de ciúmes na escola	1	1,6%
	Morte da avó	1	1,6%
	Mudança de escola	1	1,6%
	Negligência familiar	1	1,6%
	Raiva, tristeza	1	1,6%
Modo de Identificação			
	Pais ou familiares	28	53,8%
	Escola	20	38,5%
	Adolescente contou	2	3,8%
	Amigo ou colega do Adolescente	1	1,9%
	Vizinho	1	1,9%
Medidas adotadas pelo familiar			
	Acolhimento	26	42,6%





	Buscar Ajuda Profissional	16	26,2%
	Negligência	13	21,3%
	Violência	8	13,1%
	Negação	5	8,2%
Encaminhamento	Não mencionado	28	45,9%
	Equipamento de Saúde	17	27,9%
	Nenhum	13	21,3%
	Escola	2	3,3%
	Conselho Tutelar	1	1,6%
Tratamento	Nenhum	31	50,8%
	Tratamento Psicológico	12	19,7%
	Tratamento Psiquiátrico	10	16,4%
	Tratamento Médico ambulatorial	2	3,3%
	Acompanhamento Psicossocial	1	1,6%

Os dados da Tabela 1 indicam que, em termos de idade, houve poucos adolescentes com 10 e com 16 anos (1 em cada idade) e uma concentração maior em 13 e 14 anos (50,9%). Esses dados confirmam os achados de outras investigações que mostram que os/as adolescentes começam a se autolesionar entre os 11 e 12 anos, mas que a maioria deles encontra-se na faixa entre 11 e 15 anos (Chaves et al., 2019; Syed et al., 2020; Ribeiro et al., 2022).

Na Tabela 2, tem-se a média de 13,5 meses (desvio padrão de 15,3 meses) para a duração da prática autolesiva na amostra estudada, e indica que os adolescentes sofrem por muito tempo em silêncio, quase de forma invisível, sem ter com quem contar ou lhes apoiar. Pesquisas mostram a relação entre a idade e duração do comportamento autolesivo sugerindo que quanto mais cedo começar a prática autolesiva, mais difícil parar e maior tempo o comportamento irá persistir (Silva Santo & Dell'Aglio, 2022; Dezan, 2021).



**Tabela 2.** Medidas resumo para duração da prática de autolesão (em meses)

Média	13,5
Desvio Padrão	15,3
Mínimo	0,0
Q1	1,5
Mediana	12,0
Q3	21,0
Máximo	60,0

Chama a atenção a idade média (13.5 meses) dos participantes com conduta autolesiva. Os resultados mostram que indivíduos muito jovens, pré-adolescentes ou recém-chegados à adolescência, vêm lançando mão de tal recurso para enfrentamento de seus conflitos, e por um tempo bastante prolongado, sem que medidas que interrompam tal comportamento sejam tomadas. Portanto, estratégias de capacitação para a identificação precoce desse fenômeno e de outras formas de sofrimento mental na adolescência devem ser priorizadas em diferentes instituições sociais. Mas, considerando a escola um espaço de maior permanência dos jovens, projetos direcionados aos professores e educadores, de forma geral, pode facilitar o manejo mais adequado desses casos, inclusive para interromper essa prática que, em última instância, poderá culminar em ideias ou tentativas de suicídio.

Ao se inferir a categoria sexo, verificou-se que a grande maioria é do gênero feminino, 80.3%, o que também está de acordo com os achados de outras investigações (Cronemberger et al., 2019; Lu & Fran, 2020; Arruda et al., 2021). Esses dados devem ser entendidos como reflexo de um fenômeno atravessado pelas questões de gênero e da cultura. A literatura tem reunido as dificuldades comportamentais em adolescentes em dois grandes grupos: comportamentos externalizantes e internalizantes. Os comportamentos externalizantes são as dificuldades manifestas, como quebra de regras, agressões e violência que causam impacto no ambiente e que ocorrem com maior frequência em meninos. Já os comportamentos internalizantes, aqueles de ordem privada, como ansiedade e depressão, estão mais relacionados com a população do sexo feminino (Pacheco et al., 2022; Segamarchi et al., 2021).

A prevalência da autolesão em pessoas do sexo feminino pode estar relacionada com a incidência também maior da depressão em mulheres (Tardivo et al., 2019). Sobre isso, estudos mostram a correlação entre autolesão e depressão na adolescência (Cronemberger et al., 2019; Tardivo et al., 2019, Chaves et al., 2019; Resett et al., 2020; Amaral et al., 2021), especialmente em meninas. A associação entre autolesão e depressão é uma questão psicopatológica importante e deve ser investigada com maior cuidado em pesquisas na área.



Em termos da escolaridade dos participantes, a maioria ficou no grupo 8º. ano (39.3%), seguido de 6º. (27.9%) e de 7º. ano (18.0%). Considerando a faixa etária, verifica-se, em geral, que a amostra estudada está de acordo com o nível escolar, ou seja, Ensino Fundamental. Mas em futuras investigações, sugere-se avaliar o desempenho acadêmico desses adolescentes para verificar se os conflitos emocionais que vivenciam e que disparam a prática da autolesão comprometem (e como) o processo de aprendizagem.

Acerca da conjugalidade e arranjo familiar, houve uma boa distribuição entre os grupos, com família monoparental sendo o maior percentual (33,3%). Mas, no que se refere aos conflitos em família, as maiores prevalências foram em violência conjugal (44.3%), doenças mentais na família (34.4%) e violência contra crianças (32.8%). Esses dados confirmam resultados de outras investigações que apontam que, dentre os principais fatores desencadeantes da autolesão em adolescentes, destaca-se a experiência de testemunhar conflitos familiares ou conjugais, ou sofrer violência intrafamiliar (Liu et al., 2018, Chaves et al., 2019).

Esses dados confirmam que as EAPs devem ser consideradas como eventos disparadores ou corresponsáveis para o desencadeamento da prática da autolesão em adolescentes. Como se referem a experiências ou circunstâncias de vidas desestruturantes e prejudiciais ao bem-estar emocional, e/ou psicossocial dos indivíduos e que podem desencadear comportamentos disruptivos, é fundamental que políticas públicas de prevenção e enfrentamento, principalmente da violência doméstica, sejam tomadas como objeto e articuladas com os diferentes setores da sociedade. Entende-se que combater esse fenômeno é também uma forma de garantir qualidade de vida para que os conflitos da adolescência possam ser manejados de forma a preservar a saúde mental dessa parcela da população.

Ao se avaliar os tipos de instrumentos utilizados para a prática da autolesão, a maior prevalência foi ferimento com objeto cortante (88.5%), principalmente o uso de gilete (39.3%) e apontador (36.1%). Quanto a parte do corpo atingida pelas autoagressões, os dados mostraram que a maior prevalência foi braços, mãos ou pulsos (94.1%), seguida de pernas ou pés (13.7%). Os resultados encontrados nessa pesquisa também corroboram os achados de outras investigações acerca da caracterização dos atos autolesivos. Ao enumerarem os objetos empregados na prática da autoagressão por adolescentes, as pesquisas citam: giletes, facas, estiletes, tal como os dados reportados pelos entrevistados nesse trabalho. Além disso, delimitam a forma de extensão das lesões, ressaltando que as partes do corpo que são atingidas com mais regularidade que outras são os braços e as pernas. Na presente amostra também prevaleceram os braços, mãos e pulsos como partes do corpo privilegiadas para a prática da autolesão (Chaves et al., 2019; Tardivo et al., 2019 Resett et al., 2020; Amaral et al., 2021).

Dentre os inúmeros motivos elencados para o comportamento de autolesão, as maiores prevalências foram vivenciar conflitos familiares (83,6%), sofrer bullying (29,5%), receber estímulo de amigos (27,9%), sofrer violência física intrafamiliar (21,3%) e apresentar personalidade



introversiva (21,3%). Mais uma vez se destacam os conflitos intrafamiliares e as EAPs que podem desencadear efeitos nefastos ao processo de desenvolvimento do jovem que, sem outras formas para lidar com essas experiências conflitivas, acaba lançando mão de comportamentos disruptivos pondo em risco a sua integridade física e mental (Chaves et al., 2019). Por isso, a necessidade de se desenvolver estratégias preventivas e interventivas no campo da Saúde Mental, com o intuito de ajudar as famílias e os adolescentes no enfrentamento e manejo de conflitos afetivos e emocionais.

Quando se afere os serviços que identificaram a conduta de autolesão dos participantes, os resultados destacam que majoritariamente foram os pais ou familiares (53.8%) seguido de escola (38.5%). Esse dado mostra a importância da escola para a identificação precoce desse tipo de comportamento, e sinaliza para a necessidade de os profissionais de educação serem capacitados para ler os sinais ou sintomas associados à conduta autolesiva em adolescentes visando ao encaminhamento dos casos aos serviços especializados.

Além disso, salienta-se que programas de conscientização nas escolas, envolvendo educadores, pais, comunidade e alunos, são fundamentais para desmistificar tabus e mitos relacionados à prática da autolesão, combatendo o estigma social que dificulta a busca de ajuda pelos adolescentes. Sobre isso, Trindade et al. (2022) destacam que o conhecimento em saúde mental e sua disseminação por professores e comunidade escolar é essencial para identificar fatores de risco e de proteção, as vulnerabilidades mentais, o desenvolvimento das estratégias de apoio, a desmistificação de estigmas e, principalmente, a aproximação com os serviços de saúde objetivando o encaminhamento e o tratamento precoce dos casos de crianças e adolescentes em situação de sofrimento psíquico.

Sobre as estratégias interventivas adotadas para enfrentar o problema, destaca-se que a categoria mais citada foi acolhimento (42,6%), seguido de buscar ajuda profissional (26,2%). Contudo, encontrou-se um número significativo de negligência (21,3%), o que pode agravar os danos e as consequências em termos do desenvolvimento e saúde mental dos adolescentes.

De modo geral, há, ainda, um importante desconhecimento da comunidade acerca dos sofrimentos psíquicos, que ligado à negação e à resistência ao tema se associam a percepções negativas, atitudes preconceituosas e estigmatização que dificultam o tratamento e as políticas de assistência em saúde mental (Morcerf & Acero, 2022). Dessa forma, a articulação entre as políticas de saúde mental, assistência social e educação é fundamental para a desmistificação e o enfrentamento de todas as formas de transtornos, inclusive a autolesão praticada por adolescentes que não pode ser concebida como “modismo”, “coisa de adolescente”, “fraqueza”, ou “falta do que fazer”, tal como o discurso de muitos pais e responsáveis durante as entrevistas de coleta de dados.

Ao se verificar os tipos de encaminhamento, a maioria não foi mencionado (45,9%), seguido de 21,3% com nenhum e equipamento de saúde com 27,9%. A mesma coisa acontece com o tipo de tratamento utilizado, ou seja, pouco mais da metade (50.8%) não se refere a algum tratamento, seguido de tratamento psicológico (19,7%) e tratamento psiquiátrico (16,4%). Com esses dados,



infe-re-se que apenas poucos casos foram encaminhados para serviços ou tratamentos especializados, muito provavelmente em função dos estigmas, preconceitos e desinformação sobre esse tipo de conduta e outras formas de agravo à saúde mental (Morcerf & Acero 2022; Trindade et al., 2022).

Deve-se destacar que a Lei 13.819/19 (Brasil, 2019) determina a notificação compulsória dos casos de autolesão, a exemplo do que já acontece com nas situações de violência contra a criança. De acordo com Ferreira e Motta (2020), para que a referida lei seja efetivamente implantada exige-se a interação e o trabalho intersetorial entre a área da saúde pública e educação. A efetivação dessas ações depende, em muito, das condições estruturais e dinâmicas dos espaços interinstitucionais e das equipes multidisciplinares que não devem atuar independentemente, mas movidas pela conjugação de vários saberes e práticas aplicadas, pois trata-se de um fenômeno multidimensional e multicausal. A ação interinstitucional e multidisciplinar deverá pautar, assim, todos os trabalhos de prevenção e combate à autolesão, especialmente aquelas provocadas pelos adolescentes.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu mapear as características de adolescentes e pré-adolescentes com conduta autolesiva. A pesquisa também evidenciou as peculiaridades da prática de autolesão nessa população, sendo observadas as relações com as vivências negativas, especialmente as experiências de adversidade precoce.

Apesar de se delinear características importantes acerca da autolesão e as formas de identificação, encaminhamento e tratamento dos casos, por se tratar de um estudo transversal, há limitações inerentes ao método utilizado. A amostra é específica de uma determinada região e não foi aleatória, dependendo da permissão dos pais para a participação, o que também pode trazer algumas restrições à generalização dos resultados para a população geral. Sugere-se em futuras investigações o aumento da amostra e o desenho multicêntrico de pesquisa para confirmar a relação entre autolesão e as experiências de adversidade precoce, especialmente na população de adolescentes do sexo feminino, e avaliar nesse grupo a predominância da conduta autoagressiva como uma das formas privilegiadas de comportamento internalizante frente aos conflitos psíquicos e interpessoais.

É importante frisar que, devido aos altos índices de ocorrência entre adolescente e às consequências no seu desenvolvimento psicossocial, torna-se necessário o desenvolvimento de trabalhos de capacitação com as equipes de saúde, educação, assistência social e com a comunidade em geral para que as pessoas que vivem junto aos adolescentes possam identificar precocemente as condutas autolesivas para os devidos encaminhamentos e intervenções



necessárias. Do ponto de vista das ações profissionais, destaca-se a importância da interação e integração dos saberes, entendendo ser o comportamento autolesivo necessariamente um objeto interdisciplinar. Portanto, defende-se uma prática intersetorial para implementação das ações efetivas de promoção da saúde do adolescente, enquanto sujeito em condição peculiar de desenvolvimento.

## 5 AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ), o financiamento da pesquisa.

## 6 REFERÊNCIAS

- Amaral, I. A., Martins, J. B., de Faria, L. F., Sarto, M. F., Oliveira, M. C., Guimarães, P. R., & Grillo, C. D. F. C. (2021). Transtorno de Personalidade Borderline: perspectiva da automutilação em adolescentes. *Brazilian Journal of Development*, 7(5), 45322-45337. Doi: :10.34117/bjdv7n5-109
- Arruda, L. E. S., da Silva, L. R., do Nascimento, J. W., de Arruda Freitas, M. V., dos Santos, I. S. F., de Lima Silva, J. T. & de Oliveira, E. C. A. (2021). Lesões autoprovocadas entre adolescentes em um estado do nordeste do Brasil no período de 2013 a 2017. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(1), 105-118. doi: [10.34119/bjhrv4n1-011](https://doi.org/10.34119/bjhrv4n1-011)
- Brasil, (2019). *Lei n. 13.819* (26 de abril). Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei n. 9.656, de 3 de junho de 1998. <http://www.in.gov.br/web/dou/-/lei-n%C2%BA-13.819-de-26-de-abril-de-2019-85673796>
- Cipriano, A., Cella, S., & Cotrufo, P. (2017). Nonsuicidal self-injury: A systematic review. *Frontiers in psychology*, 8, 1946. doi: [10.3389/fpsyg.2017.01946](https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01946)
- Chaves, G., Cury, L. S. D. L. P., Pinto Júnior, A. A. P., & Rosa, H. R. (2019). O comportamento autolesivo na adolescência: uma revisão integrativa da literatura. *Revista Saúde-UNG-Ser*, 13(1/2), 54-67. doi: [10.33947/1982-3282-v13n1-2-3861](https://doi.org/10.33947/1982-3282-v13n1-2-3861)
- Cronemberger, G. L., & Silva, R. M. D. (2023). Autolesão não suicida em mulheres jovens: compreensão dos significados envolvidos no ato autolesivo. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 33, e33051. doi: [10.1590/S0103-7331202333051](https://doi.org/10.1590/S0103-7331202333051)
- Cronemberger, G. L., Silva, R. M., Rodrigues, M. D. S. R., & Vicente, P. R. (2019). O corte da própria carne: comportamento autolesivo em mulheres adolescentes. *CIAIQ2019*, 2, 509-518. <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2054/1990>
- Dezan, M. F. L. (2021). O Protagonismo da Dor no Comportamento Autolesivo na Adolescência. *Atualizações em Suicidologia: Narrativas, Pesquisas e Experiências*, 105. [https://www.researchgate.net/profile/Karen-Scavacini/publication/359830866\\_Atualizacoes\\_em\\_Suicidologia\\_Narrativas\\_Pesquisas\\_e\\_Ex](https://www.researchgate.net/profile/Karen-Scavacini/publication/359830866_Atualizacoes_em_Suicidologia_Narrativas_Pesquisas_e_Ex)





[periencias/links/62508388b0cee02d695b9842/Atualizacoes-em-Suicidologia-Narrativas-Pesquisas-e-Experiencias.pdf#page=105](https://periencias.links/62508388b0cee02d695b9842/Atualizacoes-em-Suicidologia-Narrativas-Pesquisas-e-Experiencias.pdf#page=105)

- Favazza, A. R., & Rosenthal, R. J. (1993). Diagnostic issues in self-mutilation. *Hospital & Community Psychiatry*, 44(2), 134-140. doi: [10.1176/ps.44.2.134](https://doi.org/10.1176/ps.44.2.134)
- Ferreira, F. N. L., & Motta, I. D. (2020). O procedimento de notificação compulsória nos estabelecimentos de ensino na nova Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. *Revista Jurídica*, 1(54), 519-555. doi: 10.6084/m9.figshare.11633184
- Gámez-Guádix, M., Mateos Pérez, E., Wachs, S., & Blanco González, M. (2022). Self-harm on the internet among adolescents: Prevalence and association with depression, anxiety, family cohesion, and social resources. *Psicothema*, 34(2), 233-239. doi: 10.7334/psicothema2021.328
- Liu, R. T., Scopelliti, K. M., Pittman, S. K., & Zamora, A. S. (2018). Childhood maltreatment and non-suicidal self-injury: a systematic review and meta-analysis. *The Lancet Psychiatry*, 5(1), 51-64. doi: [10.1016/S2215-0366\(17\)30469-8](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(17)30469-8)
- Lu, L., & Fran, F. (2020). A prática da automutilação na adolescência. *Caderno Científico UNIFAGOC de Graduação e Pós-Graduação*, 4(2). <https://revista.unifagoc.edu.br/index.php/caderno/article/view/551/548>
- Luzia, E. L. R. D., & Liporoni, A. A. R. D. C. (2023). CREAS: concepções de violações de direitos e os caminhos do trabalho social. *Serviço Social & Sociedade*, 146, e6628317. doi: [10.1590/0101-6628.317](https://doi.org/10.1590/0101-6628.317)
- Morcerf, C. C. P., & Acero, P. H. C. (2021). Saúde mental nas escolas médicas: trabalhando com percepções de acadêmicos de Medicina. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, 10(1), 56-72. doi: 10.17648/2447-1798-revistapsicofae-v10n1-5
- Pacheco, I. E., Muzzolon, S. R. B., & Dória, G. M. S. (2022). Problemas emocionais e comportamentais em adolescentes. *Research, Society and Development*, 11(15), e105111536573-e105111536573
- Pacheco, I. E., Muzzolon, S. R. B., & Dória, G. M. S. (2022). Problemas emocionais e comportamentais em adolescentes. *Research, Society and Development*, 11(15), e105111536573-e105111536573. doi: [10.33448/rsd-v11i15.36573](https://doi.org/10.33448/rsd-v11i15.36573)
- Pinto Junior, A. A., Lima, C. H. D., Tardivo, L. S. D. L. P. C., Emmerich, A. C., & Sampaio, T. C. D. S. M. (2020). Uma hipótese psicanalítica sobre a etiologia do cutting em adolescentes. *Investigações conceituais, filosóficas, históricas e empíricas da psicologia*. <https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/uma-hipotese-psicanalitica-sobre-a-etilogia-do-cutting-em-adolescentes>
- Resett, S. A., & Gonzalez Caino, P. (2020). Predicción de autolesiones e ideación suicida en adolescentes partir de la victimización de pares. *Summa Psicológica UST*, 17(1), 20-29. doi: 10.18774/0719-448.x2020.17.453
- Segamarchi, P., Segretti, L., & da Silva, J. B. R. (2021). Associação entre funções executivas e problemas de comportamento: uma revisão integrativa de literatura. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, 21(1), 84-108. doi: 10.5935/cadernosdisturbios.v21n1p84-108





- Santo, M.A.D.S & Dell'Aglio, D. D. (2022). Autolesão na adolescência sob a perspectiva bioecológica de desenvolvimento humano. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 24(1), 1-24. doi: 10.5935/1980-6906/ePTPHD13325.en
- Simioni, A. R., Pan, P. M., Gadelha, A., Manfro, G. G., Mari, J. J., Miguel, E. C., ... & Salum, G. A. (2017). Prevalence, clinical correlates and maternal psychopathology of deliberate self-harm in children and early adolescents: results from a large community study. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 40, 48-55. doi: [10.1590/1516-4446-2016-2124](https://doi.org/10.1590/1516-4446-2016-2124)
- Stanford, S., Jones, M. P., & Hudson, J. L. (2018). Appreciating complexity in adolescent self-harm risk factors: psychological profiling in a longitudinal community sample. *Journal of youth and adolescence*, 47, 916-931. doi: 10.1007/s10964-017-0721-5
- Syed, S., Kingsbury, M., Bennett, K., Manion, I., & Colman, I. (2020). Adolescents' knowledge of a peer's non-suicidal self-injury and own non-suicidal self-injury and suicidality. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 142(5), 366-373
- Tardivo, L. S. D. L. P. C., Ferreira, L. S., Alhanat, M., Chaves, G., Rosa, H. R., Pinto Junior, A. A., & Belizario, G. O. (2019). Self-injurious behavior in preadolescents and adolescents: self-image and depression. *Paripex-Indian Journal of Research*, 8(6), 75-79. doi: [10.15373/2249555X](https://doi.org/10.15373/2249555X)
- Trindade, M. S., Arteche, A. X., & Rocha, K. B. (2022). Intervenções psicossociais em saúde mental para professores: uma revisão narrativa. *Research, Society and Development*, 11(14), e10111436079-e10111436079. doi: [10.33448/rsd-v11i14.36079](https://doi.org/10.33448/rsd-v11i14.36079)